



DÉCIMA QUARTA QUESTÃO GNÓSTICA

Amigos jessênios, eu sou de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e gostaria de lhes perguntar se há alguma influência do pensamento de Osho no ensinamento de vocês? Não ensina ele um caminho sem caminho? Um mestre que não é mestre de ninguém? O que vocês acham dessa doutrina de Osho?

Maria Aparecida Matias – RS

Cara amiga Maria Aparecida. Se você nos permitir, vamos usar a sua pergunta para abordar de forma muito direta as características do processo iniciático dualístico-gnóstico e mostrar a sua diferença daquele que é o processo iniciático monista, embora tenhamos feito isto ao longo de todo o nosso site.

O Caminho Iniciático de Osho é um belo, sereno e mui nobre caminho iniciático monístico, de tendência hindu tântrica e mui voltado para uma harmonização do homem consigo mesmo, ou uma aceitação tranqüila, filosoficamente profunda, do homem com a sua natureza de ego, nomeando um poder mental de observação serena de tudo quanto esse ego nos proporciona de ação no dia a dia.

Com efeito, Osho usa da literatura hindu com maestria para demonstrar que o homem é um fluxo de fenômenos mentais e que a observação desse fluxo traz a devida condição de relaxamento dentro da qual se desenvolve a iluminação.

No referente a isto Osho diz: **“A única coisa que tem de ser aprendida é a observação. Observe! Observe cada ato que você faz. Observe cada pensamento que se forma em sua mente. Observe cada desejo que toma posse de seu ser. Observe cada pequeno gesto – andando, falando, alimentando, tomando banho. Continue observando tudo. Deixe tudo se tornar uma oportunidade para observar.”**

Embora esse seja o ensinamento mais enfático de Osho, contudo nele estão prolongamentos de outros ensinamentos que enraízam esse mestre no monismo hindu.

No Caminho jessênio a proposta de se observar aparece na instrução interna sob a fórmula das três consciências: *a do antes, a do durante e a do depois*. Como isto funciona? Primeiramente deve haver uma renúncia do ser do observador para que a observação venha de um nada interior. Nesse sentido, *não há um observador*, mas somente o ato de observar.

No início, quando ainda existe no discípulo o observador, e este é o ego e suas muitas faces ilusórias, é pedido que o aluno tenha a observação que lhe dá a consciência do *depois*. Assim, sem tentar ficar o dia todo se observando, o que ele só pode, no seu neofilato, fazer com o eu, e assim, ele fatalmente poderá tornar-se uma vítima da ilusão dual observador-objeto-observado, julgando que uma fusão monística do divino está descendo aos seus sentidos e sua natureza mental e carnal, ele faz o seu exame de ações à noite, no travesseiro, momentos antes de dormir, constatando o quanto o seu dia foi movido pelo ego e suas múltiplas facetas. Essa é a consciência do *depois*.

A razão de se fazer essa auto-busca de conhecimento unicamente à noite é um Mistério que os jessênios trazem de volta tanto do Pitagorismo, quanto do essenismo e do ramo gnóstico-cristão do maniqueísmo em sua versão bogomila e pauliciana, onde os alunos devem se auto-examinar sem julgamento para produzir um tipo específico de sal alquímico no seu sangue e com ele circulando até o cérebro, e por todo o corpo físico, etérico e astral, seguir para o sono e durante certo tempo da sua vida noturna, atingir o lugar sagrado que denominamos *Sunyáh*, o espaço sagrado da Fraternidade Angélica criado pela força batismal do Rio Jordão e do Mar Morto, onde está o Portal de Maria (e Maria é, aqui, Myriam, o Portal dos Anjos que salgam os mares da Terra).

Durante os períodos noturnos do aluno jessênio que se encontra no estágio da *consciência do depois*, desenvolve-se nele o grandioso trabalho da Pomba Batismal. A idéia é que o seu sono transforme-se no estado mental abstrato que os Evangelhos designam como “Jesus sendo levado para o deserto logo após o seu batismo, para sofrer as três tentações”.

Essa idéia de ir ao deserto sob a força do Batismo, e ali experimentar as três faces do Ego e sua interface cósmica (ou seja, o reino ímpio interior em sua ligação magnética com o reino ímpio exterior através do eixo corpo astral humano, ossos das costelas e esterno, corpo astral zodiacal), por ser gnóstica apresenta-se na contramão da proposta de Osho, que diz: “Não compare. Fique contente consigo mesmo. Desfrute, deleite-se -- ajude-se a ser você mesmo. Esse é o SEU feitio.” De fato, no estado salino sanguíneo produzido pela *consciência do depois* (e mesmo pelas *consciências do durante e do antes*), o sonho do discípulo entra num nada ou no niilismo da Mente Abstrata, onde não há julgador ou observador, mas, pelo contrário, a consciência do depois dá ao discípulo, pouco a pouco, à medida que o seu sal típico tempera o seu sangue e coração, uma idéia clara de que o Ego tem três rostos com os quais não se pode contentar ou com ele ficar feliz (ver a idéia de Dukkha na questão 3). Como esse sal é produzido juntamente com o que chamamos de mercúrio filosofal, nossa medicina do Graal, não surge no discípulo um estado psíquico de depressão, mas uma verdadeira dukkha.

Pode-se determinar melhor esse estado mental abstrato do *Sunyáh* que surge no período de experiências com a *consciência do depois*? Em certa medida podemos falar desse estado em um lugar público, mas os jessênios terão esse ensinamento em toda a sua grandiosa extensão no terceiro ciclo médico de palestras internas, especificamente na palestra que começaremos a oferecer em Janeiro de 2006 denominada *Mente Concreta, Mente Abstrata e seus Relacionamentos com o Corpo Astral*.

Com efeito, o sal alquímico que a *consciência do depois* produz no aluno age em seu coração como Temperança, ou seja, como estado angélico entre aquilo que denominamos na nossa primeira palestra médica interna de tomada de conhecimento da ação da consciência da água e dos minerais em nós, e da formação da consciência vegetal (ver figura 6, do arcano-carta do Tarô denominada Temperança). Ou seja, no longo período de descida do homem decaído no reino da matéria, tendo claro em sua consciência a necessidade de formar um veículo corpóreo que pudesse ser transformado em laboratório da sua ascensão ou retorno ao Reino da Luz, ele permaneceu como que num longo estado de sono e em seus sonhos ele vigiava por quatro grandiosos períodos triplos, um primeiro na totalidade das águas do planeta, até ter consciência do que seria o seu sangue no seu futuro corpo físico; depois sonhou e vigiou sobre a totalidade das rochas, suas raízes submersas na profundidade do corpo da Terra, suas altas montanhas, até que pôde ver nitidamente o que seria, futuramente,

os seus ossos; em seguida, sonhou e vigiou sobre a totalidade dos vegetais por outro grandioso tempo, até ver o que seria nele as veias e o fluir do sangue. E, finalmente, no quarto triplo período, a sua visão de sonho fitou o reino animal e sua interação com os quatro elementos, fogo, ar, terra e água, e contemplou o que seria, no futuro, seu sistema respiratório, seu coração, sua mobilidade sobre pernas diferente daquela dos vegetais presos ao solo, e previu o que seria o sentimento da fome e do instinto de sobrevivência, por meio do qual ele viu a sua futura e salina produção do suor a partir da pele, em especial aquela do rosto.

Para os jessênios que assistiram as palestras internas aonde vimos e comentamos o filme *Terra, a Terceira Pedra do Sol*, e que assistiram as *Palestras dos Átomos Bolas*, onde estudamos e esmiuçamos a estrutura alquímico-atômica do Corpo Etérico, e a secreta anatomia do coração de um discípulo, fica claro como que se formaram a Mente Concreta e a Mente Abstrata do homem a partir dos seus Doze Sonhos de Queda.

Porém, para quem não participa da muito intensa vida discipular estudantil dos alunos jessênios, é difícil explicar que o nosso inconsciente (tal qual o definiu Jung) é fruto do duodécuplo sonho de Adão antes de formar Eva. Assim, se o homem desceu à matéria por meio de doze sonhos, e formou a sua Mente concreta ao mesmo tempo em que fazia adormecer a sua Mente abstrata a partir da salinidade alquímica do sangue e da sua atividade sudorípara, ou da formação de sua figura corporal por observação dos quatro reinos: o aquoso, o mineral, o vegetal e o animal, é dentro ou a partir desse mesmo sonho e nessa mesma salinidade que ele deve matar o observador interno, refazer o seu sangue, transformando-o em consciência do depois ao longo do seu neofilato de Akoustikoí, produzir o sal divino (que Jacob Boehme chamava de Salniter), suar outra condição de vida que não a que constitui a praga ou o castigo da Queda expresso nas palavras “(Gênesis 3:17) - E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. (GN 3:18) - Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. (GN 3:19) - No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás”, ou seja, colocar a sua pele, e o corpo etérico na mesma natureza e estado alquímico do Sunyáh, e seu corpo emocional (ou Corpo Astral), através do que por medo e instinto de sobrevivência ele soa o suor da maldição, no único sentimento que o faz suar salniter, que é o sentimento do anelo e busca da Verdade.

Esse é o grandioso trabalho do nosso aluno do grau Akoustikoí. Enquanto ele forma a *consciência do depois*, seu sal sangüíneo retira-o da consciência aquosa e mineral, e ele pode transformar, como o disse Lao-Tsé, seu sono corporal em acordar da Alma.

Após um longo tempo mergulhado nos frutos dessa *consciência do depois*, onde nem pensamento, nem sentimento, nem vontade e nem razão são chamados para tentarem melhorar o fluxo da ação diária, ou alterar e julgar a qualidade dos atos, uma outra parte da mente humana, onde estão a cognição, a intuição e a iluminação, começam a despertar no ser do discípulo como uma mui tênue e trêmula flama, e o discípulo passa a experimentar a ausência do observador, e a presença da *consciência do durante*. Isto significa que alguns dos seus atos diários serão acompanhados durante o seu acontecimento. Porém, o discípulo precisa continuar a sua obra de consciência do depois, posto que a chama das três faculdades mentais, cognição, intuição e iluminação, ainda é muito tênue e precisa ser reforçada para que seu nascimento se complete. Ele precisa matar o observador naquilo que nós jessênios chamamos de três mortes das noites de Mistérios.

Embora não possamos explicar que mortes são essas e que práticas são as das noites de Mistérios, podemos indicar para os pesquisadores que esse trabalho alquímico é uma interpretação daqueles acontecimentos que formaram as três noites de Jesus no túmulo.

A morte do observador interno é auxiliada pela força angélica do Selamento de Mistérios do Batismo. E essa força é um alimento que o discípulo absorve à medida que seu amor torna-se um sentimento absolutamente fraternal, quando então ele expressa aquilo que denominamos amizade gnóstica.

Tanto a amizade gnóstica, quanto o amor fraternal são comparados aos pés e mãos do discípulo, e nesse sentido temos no Evangelho de João, capítulo 5, uma explicação. Ali se narra a história de um homem cujos braços, mãos, pés e pernas eram atrofiados e lhe proporcionavam apenas um mui dificultoso movimento de arrasto. Ele encontrava-se a trinta e oito anos à beira de um tanque batismal onde, uma vez por ano, descia um anjo e movia as águas. Aquele que conseguia descer recebia o fluxo inteiro da cura proporcionada pelo Anjo, e os demais deveriam esperar o ano seguinte.

O homem, por ser muito lento de movimentos, nunca conseguia chegar às águas antes que outro ali se atirasse. Porém Jesus o curou com a sua angélica e mui potente força batismal, e ele pôde segurar com suas mãos o seu leito (ou seja, o seu processo de erguer-se do túmulo das noites de Mistérios), e também pôde caminhar (ou seja, conceber a mais alta e pura amizade fraternal gnóstica).

Durante todo o discipulado do Akoustikoí nós estimularemos o aluno jessênio a praticar a *consciência do depois*. Durante o Matetekoí, a *consciência do durante* deve surgir, e ao longo do Talmidh ela deve robustecer enquanto nasce a *consciência do antes*.

Nos três discipulados seguintes, no Etoimakoí, no Dzetetekoí e no Propilaikoí, o processo repete-se, no primeiro voltando-se à prática da consciência do depois, no segundo, à prática da consciência do durante, e no terceiro, a prática da consciência do antes. Porém, nesses novos discipulados são acrescentadas instruções escritas e orais que dirigem melhor a ação iniciática do discípulo, auxiliando-o, inclusive, a perceber até onde morreu o seu observador interior e até onde ele ainda é uma face do ego que lhe apronta armadilhas e ilusões.

Quando o discípulo pratica essas três consciências por hábito, ou quando ele deixa surgir nele a idéia de julgamento e seleção dos atos observados, o ensino oral o adverte que seu observador interior ainda não morreu, ou, pelo contrário, ao invés de estar numa morte alquímica, está se reforçando.

Claro que nessa caminhada o aluno passa por muitos fracassos, pois acaba descobrindo que seu observador interno, tal como descrito no Evangelho da Pistis Sophia, é uma parte de Authades, ou seja, uma força anti-gnóstica poderosa, cuja oposição mostra ao aluno o quanto essa matéria é realmente má e aprisionadora. Porém, como segredo de sua caminhada, ele conta com a ajuda dos eões angélicos, ou seja, os aspectos angélicos da Imanência de Deus no sal batismal, tal como prometido no Salmo 91, versos 11 e 12, onde se lê: “Aos seus Anjos dará ordem a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão em suas mãos para não tropeçardes em pedra alguma.”

O trabalho das três consciências, verdadeira Opus Magna da Alquimia Jessênia, não é, portanto, um trabalho de grandiosa alegria, visto tomar figura do Cristo em seu sofrimento de Cruz. No seu aspecto budista também não pode mostrar ao aluno outra coisa a respeito deste mundo senão que ele é um vale de lágrimas, um lugar de aborrecimentos e de constantes perigos para a alma humana. E isso é uma das características de toda Iniciação que se diz verdadeiramente gnóstica, seguindo a contramão do que Osho, representante de um método de Iniciação monista, disse no seu artigo *Beyond Psychology*: “Viver prazerosamente, viver alegremente, não é contrário à meditação. É, na verdade, a necessidade básica da meditação”.

É necessário também dizer que o estado de Dukkha, como *estado de insatisfação*, é no Caminho Gnóstico-Cristão temperado pelo Sal Filosofal e conduzido pela força mercurial do Graal, ao arrependimento que se observa em Pistis Sophia, ou seja, ele é um estado sobretudo *consolidado* pela Confiança na Luz que chega ao discípulo na forma de Pai-Pomba, em cujo bico há o bálsamo do consolo curador. O estado emocional onde o discípulo sente-se um miserável e completo abandonado de Deus, um caos sem esperança, um abismo de dor e de tristezas, um pobre e agonizado apartado de qualquer consolo, é o do *sal insípido*, e nele não há nenhum traço da consoladora confiança na Luz que tanto caracteriza o arrependimento de Pistis Sophia. Geralmente esse estado do sal insípido caracteriza os alunos de uma Gnosis dualista que não foram bem instruídos na prática de fazerem declinar o observador interno como julgador, condenador, ou apreciador das ações diárias, cuja apreciação é realizada por meio da vontade do eu ilusório que deseja, por sua parte, estabelecer uma Iniciação pelo melhoramento ou pelo controle disciplinado da mente e das ações.

Monistas radicais que também não foram bem instruídos acerca do processo de como lidar com o observador interior podem, ao longo dos anos, gerar sal insípido por terem reforçado o aspecto ilusório do eu, e assim não terem obtido os resultados que anelavam alcançar.

Três outros discipulados são propostos para as práticas das três consciências, e são eles: o Apodokoí, o Beny Mitziváh e o Beny meMynian. Nesse estágio o aluno deve ter formado em si a suficiente consciência do antes ao ponto de, no discipulado Beny meMynian ele poder juntar-se com mais onze irmãos numa mui fraterna e intensa amizade gnóstica. E esses onze irmãos mostram-lhe apenas o princípio do ato evangélico de *sair com seu leito na mão para encontrar e reconhecer Jesus no templo*, ou seja, no lugar de reunião fraternal.

Em seguida vêm mais três discipulados que darão ao discípulo um grandioso poder batismal de morte do observador interno, e são eles: Beny Esh, Beny Sharrar e Beny Or. Nesse estágio mui intenso de vida discipular o aluno jessênio precisa conviver com duas linhas de sons e duas linhas de explosões interior de luz. A primeira linha de som é a do seu observador interior que ainda sobrevive embora o seu processo de morte tenha avançado muito. Nós instruímos oralmente esse discípulo para que ele acrescente à sua instrução escrita a noção clara de que o lado esquerdo do seu coração, e todo o lado esquerdo do seu corpo, produz o som e a luz da natureza do ego, comparado, no Evangelho da Pistis Sophia, ao caos em que a alma humana se encontra. O verdadeiro som, e a verdadeira luz serão ouvidos e percebidos com o lado direito do coração, onde está a Jóia no Lótus.

No ensino oral a partir do Talmidh, o aluno jessênio é instruído no referente ao processo em que a força batismal irá separar dentro dele Luz e Trevas, Luz para a direita, trevas para a esquerda, conforme o Evangelho da Pistis Sophia e o Evangelho Cátaro o demonstram bem. Também o Som será, já no discipulado do Beny Esh, separado para a

direita e assumirá uma capacidade de gerar no discípulo uma natureza cardíaca cujo poder, atuação e efeitos não podemos revelar em público, mas que podemos dizer se tratar do Vitriolo alquímico.

No discipulado Akoustikoí convencemos o nosso discípulo a abandonar a meditação monista, visto ser ela, em si mesma, um processo independente, diferente do oferecido pelo discipulado gnóstico dualístico. No discipulado gnóstico, discipulado de cruz, ou, como o diriam os Cátaros, de Endura, o observador interior, o ego, precisa diminuir numa morte alquímica, e perder a cabeça por processo de degola.

Claro que essa Endura não é aquela que a Inquisição disse ser um jejum até a morte física, por recusa de se comer carne ou alimento misturado a carne, mas é uma entrega psicológica da mente concreta, formada pelas faculdades do pensar, do sentir, da vontade e da memória racional, para que ela aja somente no lado esquerdo do corpo do discípulo, ou seja, nas suas funções mínimas, biológicas, relacionadas à sobrevivência na matéria. Contudo, desse lado esquerdo o aluno vai cortar a cabeça, ou seja, a fundamental arte de chamar os cinco sentidos para desfrutar com devassidão, ostentação, paixão e ilusão os bens da matéria.

No homem natural a última faculdade da mente, a memória racional, é o terreno fértil onde atuam o consciente e o inconsciente do modo como o detetou Jung, o mestre de Zurique. Essa razão toma conta inteiramente dos dois lados do coração, e, no processo monista, ela é evocada para se submeter à vontade e deixar, por meio dessa, de impedir que na meditação e nos exercícios de relaxamento, sobrevenham as forças simplesmente animais do homem, ou aquelas forças que a yoga (em especial a Kriya-Yoga) chama de forças vitais.

Para Sri Aurobino, por exemplo, a parte vital das forças humanas representada pelo sêmen, e dinamizada pelo ato sexual, deve ser apagada ou afastada de sua atuação natural para que a meditação e as técnicas de relaxamento não sejam desvirtuadas. E isso é, na Tantra, ainda mais importante.

A Kriya Yoga, segundo os ensinamentos do Swami Premanada (que fundou em Washington-DC, em 1928, a Ordem Swami de Monismo Absoluto), constitui uma linha de ensinamentos que aborda as Sete Yogas, a Bakti-Yoga ou Yoga da Devoção, a Mantra-Yoga ou Yoga da Palavra, a Jnana-Yoga ou Yoga da Consciência Pura, a Karma-Yoga ou Yoga do Servir, a Hatha-Yoga ou Yoga do Corpo, a Raja-Yoga ou Yoga da Suprema Serenidade e a Laya-Yoga ou Yoga da Mente, em função da revelação ou da manifestação do Eu (ou Kriya-Yoga).

Nessa linha busca-se a revelação do Eu Supremo através da retirada da consciência dos liames dos sentidos através de um processo que estabelece no Terceiro Olho ou Ajna, o lugar do osso frontal onde o dualismo gnóstico localiza a parte eu-consciente do ego. O esforço do yoga tem que ser em concentrar a consciência nesse Terceiro Olho e separada dos cinco sentidos, até que se possa contemplar as bem-aventuranças do Eu Supremo ou Brahman. Se a mente falha em permanecer fixa no Terceiro Olho, ela retorna aos sentidos, mas continua retendo sua paz e serenidade.

Ao longo desse desenvolvimento proposto pela Kriya Yoga, a consciência focada no Olho Espiritual ou Terceiro Olho polariza-se como cognição, discriminação e individualidade com a energia-Prana, com a energia positiva de Ajna (o chacra da frente ou o Terceiro Olho) e o Muladhar ou Muladara, no centro coccídeo na base da coluna vertebral.

No processo gnóstico dá-se ênfase, entretanto, em separar luz e som no coração e na corrente sanguínea, enviando a luz e som do ego, do observador interno, para o túbulo ou lado esquerdo do órgão cardíaco, e a luz e som divinos para o lado direito, ligando-os ao Pai na forma de Pomba, ou seja, ao poder batismal da presença interna e externa do Paraclito ou Logos do coração da Terra e do coração do discípulo.

O lado direito do coração liga-se ao lado direito da audição para dar curso ao que denominamos de *ouvir sem endurecer o coração* (Hebreus 3:15). Ao invés de uma ligação dos centros da cabeça com os centros da pélvis, como o propõe a Kriya-Yoga (que nisso tem um propósito semelhante ao da Tantra-Yoga), ou, como o diria Jung, ao invés de propor uma incursão em dupla mão entre eu-consciente e inconsciente, formamos com o coração a aliança da Temperança, *o Ponto Virtual no meio* do qual fala Jung no seu livro *Estudos Alquímicos*, e evitamos incursões na região da bacia até que o Sal filosofal tenha unido cabeça e coração com a força batismal, e esta tenha estabelecido uma natureza mental abstrata no discípulo, e esta natureza mental abstrata lhe proporcione a experiência de dormir e sonhar no espaço cósmico da Fraternidade Angélica que denominamos Sunyáh, onde está a base do trabalho angélico sobre o nosso planeta.

É em razão disto que dizemos sempre que o monismo é, ainda hoje, um Velho Testamento, uma Aliança da circuncisão ou Aliança Sexual. O processo gnóstico-cristão é de Aliança do Coração, pois começa com o despertar da força batismal produzida da união da Jóia do Lótus cardíaco com o Pai na forma de Pomba, ou com o Espírito Santo em dois lugares cósmicos: no campo angélico do Mar Morto e no Coração-Serafim da Terra.

O discípulo jessênio tem que afastar-se da meditação monista, não porque ela é algo odioso, não iniciático, um bem ou mal para o corpo, mas porque ela trabalha de outra forma a iniciação, dando ênfase em afastar a força vital do influxo dos cinco sentidos, isto por meio da mente concreta, pelo treinamento disciplinado da vontade e do observador interno, enquanto o processo discipular gnóstico abandona a mente concreta unicamente para o seu cuidado mínimo do lado esquerdo do coração, durante o que o lado direito é inteiramente ligado à Jóia no Lótus cardíaco pela força batismal ou pelo Pai na forma de Pomba.

Nas nossas palestras internas, secretas, chamadas *Palestras do Ciclo Médico*, desdobramo-nos em esforços para que os discípulos entendessem o que é a mente. Na palestra primeira, denominada *A Mente Humana e Seu Desenvolvimento ao Longo da História*, mostramos como se formou a Mente Concreta. Na segunda palestra, denominada *Fé, Discernimento e Nous e Seus Relacionamentos com as Sete Faculdades Mentais*, mostramos aos nossos alunos como que a Mente Abstrata tem um comportamento completamente distinto daquele da Mente Concreta, e que suas faculdades são aquelas que o Budismo Chem (ou Zen) denomina de Vazio ou Nada (Sunyatá).

No segundo ciclo de palestras médicas tivemos um momento muito elevado, quando reunimos os médicos jessênios, principalmente os das áreas da Psiquiatria, da Homeopatia e da Psicologia, em Belo Horizonte, para mostrarmos com profundidade que a Aliança Sexual, os métodos monistas, ao se voltarem para a problemática do afastamento do fluxo vital espermático, precisam dar à mente concreta do discípulo uma harmonia, uma força e uma disciplina incalculáveis, pois que o consciente vai precisar estar armado espiritualmente, ligado a um Eu Superior, para defrontar-se com milhões de eus mortos acumulados no

umbigo do homem natural e que são “eus” de seus habitantes anteriores, ou melhor dito, são “eus” de outras personalidades de encarnações anteriores.

No processo jessênio esse contato com o umbigo ou com a pélvis, com os mortos em si mesmo, se dá através da tampa vítrea esmeraldina de Hermes Trismegistos, ou seja, através do Vitriolo salino filosofal, de tal forma que o discípulo precisa trabalhar as suas três consciências, e o seu observador interior, através do mar de cristal do coração, que separa a direita da esquerda e que dá ao aluno a certeza de que o seu ego será um João Batista degolado, ou seja, sem mente concreta reforçada, isto é, cuja memória racional ou razão é e atua como uma deusa, e a vontade, como um governo.

Tirar o governo da vontade, tirar o pensamento com a sua imaginação ilusória, tirar o sentimento com sua atração para os cinco sentidos, tirar a razão de sua excitação ou endeusamento é, em suma, colocar o governo e a fé, o discernimento e o Nous, a iluminação e revelação, o estado visionário iluminativo do discípulo, longe da imaginação mercurial ilusória, ou longe do observador interno e do seu túmulo de morte, e perto da Mente Abstrata, única que em suas ações não convoca por meio de fluxos de força vital os cinco sentidos, e que, em razão disto, pode amar e conhecer a Deus.

No monismo não se experimenta a Mente Abstrata como um governo que se coloca no lugar da Mente concreta, e nem se experimenta essa maniqueística separação das trevas e da luz para a esquerda e para a direita, nem o processo de se gerar o Vitriolo ou grande separador cardíaco, de modo fundamental, ou antes de se tentar domar a força vital e seu influxo junto aos cinco sentidos.

O processo batismal e o de atuação do Pai na forma de Pomba ou de Jesus interior ao lado direito do Pai interior não é monista. Ele lida com o ego, com o observador interior, tendo em vista o processo que na Alquimia é o de degolar o Melro, o “João de Barro”, o Corvo ou o Açumpreto (aço preto, ou Iça, nome de Jesus como batizador na língua árabe, matriz e mãe da Alquimia. O Açumpreto é o símbolo, na Alquimia, do batismo do negrume).

Para Jung a Alquimia era uma continuação da antiga Gnosis. E tem ampla razão o sábio de Zurique. O coração é, nesse tipo de Gnosis, o Athanor da Luz e o Túmulo das Trevas, ou, como o diria o mestre Jodachay Bilbakh: *o coração é considerado o útero dos Mistérios no ensinamento iniciático da Aliança cardíaca.*

No terceiro ciclo de palestras médicas, denominado *Mente Concreta, Mente Abstrata e Seus Relacionamentos com o Corpo Astral*, com que abriremos o ensino oral em 2006, os nossos discípulos aprenderão a reconhecer como está morrendo neles o Observador interno, e nascendo neles a Iluminação e o Nous, a Revelação divina.

Precisaremos mostrar como Adão, em seu sono e sonho perdeu Eva, sua verdadeira alma-Luz, pelas *costelas*. Fulcanelli faz cabala com a palavra costela, entendendo aí que se trata do composto-estelar, ou seja, do Corpo Astral ligado ao lado ímpio do espaço sideral zodiacal. No sono Adão substituiu a sua Alma-Luz ligada ao espaço acústico-luminoso do Verbo ou Logos no coração serafínico dos Sete Planetas e das Doze Casas Zodiacais divinas, pelo Corpo astral constituído dos compostos da luz sideral cósmica ímpia.

Esse corpo astral que é um composto das estrelas ímpias só pode ter suas funções excitadas pela Mente Concreta, e no monismo esse relacionamento é evocado para, em

especial pela vontade e pela razão disciplinadas, transformadas em poderoso observador interno, exercer o melhoramento do ego.

No processo dualístico-gnóstico, a Mente concreta é abandonada em seu princípio básico, que denominamos observador interior. Persiste apenas a Mente Abstrata e sua observação vazia ou Sunyatá. E essa observação sem observador, sem eu ou ego, só pode ser ativada pela salinidade alquímica sanguínea, ou seja, pelo sal filosofal.

Esse sal é um mui secreto e específico estado do coração e do peito do discípulo, estado esse magnético triplo, que atrai (chamado estado alquímico negativo), que repele (chamado estado alquímico positivo) e que espalha (chamado estado alquímico neutro) onde as costelas e o osso esterno agem como portais de passagem de um total novo composto estelar, composto este que dá origem a uma nova veste astral dentro da qual surge a original e angélica Alma-luz do Homem Imortal.

É claro que esse assunto comporta muitas outras abordagens, o que constituirá o tema principal de nosso ensino oral e de nossas palestras em 2006.

Até a data presente (20-12-2005) não havíamos falado em público tão esclarecedoramente, e não havíamos colocado para os pesquisadores a nossa verdadeira prática gnóstica de iniciação. Porém, agora não só a mostramos como aceitaremos trocar com os interessados toda sorte de e-mails, pois desejamos muito atender a alma pneumática em sua saga de busca da Verdade.